

Contribuição de José Calasans (1915-2001) a cultura popular e as tradições orais de Canudos¹

Jaime Adrián Prieto Valladares² - UNIGRANRIO

Resumo: No contexto do aniversário do primeiro centenário do nascimento do historiador sergipano Dr. José Calasans Brandão da Silva(1915-2001), este artigo tem o interesse de dar a conhecer brevemente sua contribuição ao folclore, a cultura popular e as tradições orais em torno ao peregrino de Quixeramobim (Ceará), Antônio Vicente Mendes Maciel (1830-1897) e a comunidade de Belo Monte no Arraial de Canudos. Este estudo, baseado nos documentos dos arquivos e bibliotecas do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia

Introdução

No contexto do aniversário do primeiro centenário do nascimento do historiador sergipano Dr. José Calasans Brandão da Silva(1915-2001), este artigo tem o interesse de dar a conhecer brevemente sua contribuição ao folclore, a cultura popular e as tradições orais em torno ao peregrino de Quixeramobim (Ceará), Antônio Vicente Mendes Maciel (1830-1897)³ e a comunidade de Belo Monte no Arraial de Canudos.⁴

¹ Esta e uma nova versão do trabalho apresentado por o autor no Seminário Internacional Conhecimentos Compartilhados Tradição e Modernidade, Programa de Pós Graduação em Letras e Ciências Humanas da Universidade Gran Rio, Rio de Janeiro-Brasil, 5 de abril, 2013.

² O autor nasceu em Costa Rica, Centro América (1958). Doutor em teologia pela Universidade de Hamburgo na República Federal da Alemanha (1985-1992). Ex-reitor da Universidade Bíblica Latino-americana (2001-2005). Atualmente o autor realiza estudos de pós-doutorado na Universidade Unigranrio no Rio de Janeiro.

³ Conhecido também como Antônio Conselheiro, Santo Antônio dos Mares o como Bom Jesus Conselheiro.

Este estudo, baseado nos documentos dos arquivos e bibliotecas do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia, esta dividido em seis partes. Na primeira parte mencionaremos brevemente dados biográficos, transfundo histórico da infância e juventude de José Calasans; assim como os embriões do seu interesse pelas origem da historia e folclore de Sergipe e Bahia (1915-1949). Na segunda parte enfatizamos o aporte de José Calasans a cultura popular e as tradições orais sobre Canudos, considerando a fase inicial de suas investigações durante a juventude (1950-1969) influenciada pelos escritos do poeta Silvio Romero (1851-1914)⁵ e do engenheiro Euclides da Cunha (1866-1909). A terceira parte é uma análise da herança interpretativa de Euclides da Cunha na historia e folclore de Canudos. Na quarta parte se da a conhecer o trabalho de historia oral do mestre José Calasans na interpretação de Belo Monte. A quinta parte ubica-se cronologicamente na década dos sessenta e apresenta a abertura de José Calasans frente às novas interpretações sobre Antônio Conselheiro e Belo Monte. Na sexta parte intentamos esboçar a descoberta de manuscritos e sermões de Antônio Conselheiro e seu impacto nas interpretações sebastianistas de influência euclidiana, presentes nas pesquisas de José Calasans. Finalmente, as conclusões sintetizam o aporte do mestre José Calasans na reconstrução histórica do peregrino de Quixeromobim Antônio Conselheiro e de Belo Monte no arraial de Canudos.

⁴ Antônio Conselheiro foi o líder sertanejo da comunidade de Belo Monte levantada nas margens do rio Baza-Barris em 1893. Belo Monte converteu-se num refugio contra os grandes fazendeiro, as secas do Nordeste e as leis seculares da nova República. Antônio Conselheiro e seus seguidores derrotaram três expedições militares do governo do Brasil a partir da batalha de Masseté em 1893. Por suas implicações políticas, militares, econômicas e sociais a Guerra de Canudos, que finalizou na quarta expedição militar em 1897, converteu-se num dos eventos mais relevantes da história brasileira e latino-americana. Detalhes em: Frederico Pernambucano de Melo, A guerra total de Canudos, São Paulo: A Girafa Editora Ltda., 2007.

⁵ Sobre a influência de Sílvio Romero nos escritos de Calasans ver também: José Calasans, Romanceiro político nacional. Separata dos arquivos da Universidade da Bahia, Faculdade de Filosofia, Vol. III, Bahia, 1954.

História e folclore sertanejo na infância e juventude do José Calasans

José Calasans Brandão da Silva nasceu na cidade de Aracaju, Sergipe o dia 14 de julho de 1915 e faleceu em Salvador o dia 28 de maio de 2001. Seus pais foram Irineu Ferreira da Silva e Noemi Brandão da Silva. Seu irmão foi Francisco Brandão da Silva e suas irmãs América Brandão da Silva e Joana Brandão da Silva. Em 1941 casou-se com Lúcia Margarida Maciel e procriou dois filhos: José Calasans Maciel da Silva, quem nasceu em 21 de setembro de 1942 (falecido em 1972) e Maria Madalena Maciel da Silva, quem nasceu o 29 de setembro de 1949 e reside em Rio de Janeiro.⁶

José Calasans realizou os estudos primários no Colégio Nossa Senhora da Conceição e depois continuou o ensino secundário no Colégio Atheneu Pedro II (1929-1932) na cidade de Sergipe. Sua formação universitária concretizou-se no curso de Direito da Faculdade de Direito da Bahia (1933-1937), mais sua paixão foi sempre a história, como ele mesmo o manifestou numa ocasião ao historiador José Carlos Sebe Bom Meihy: "na verdade não eram as leis que me atraíam. Não !... eram os enredos populares, a epopeia do povo, os temas que prendiam minha atenção."⁷

Diversos escritores nacionais exerceram influência no pensamento germinador de José Calasans: de Joaquim Nabuco a paixão pela biografia histórica⁸; de Sergio Buarque, Gilberto Freyre, Caio Prado Junior e Euclides da Cunha o interesse pela realidade social brasileira⁹, de Luís da Câmara Cascudo e Silvio Romero, o amor pelo folclore nordestino. Mais, foi primeiramente seu grande interesse no folclore sergipano e baiano que levaram-lhe a introduzir-se na história de Sergipe e Bahia. As lembranças ainda frescas da sua infância e juventude brincado com os meninos na rua Laranjeiras (Sergipe), sua observação das danças, festas, cantos e a vida religiosa das e dos baianos, dedicadas a nosso Senhor do Bonfim e São Benedito, ficaram como carvão

⁶ Para uma vasta biografia e bibliografia sobre José Calasans ver: Jairo Carvalho do Nascimento, José Calasans e Canudos. A história reconstruída, Salvador: EDUFBA, 2008.

⁷ Bom Meihy, José Carlos Sebe, "Meu empenho foi ser tradutor do universo sertanejo (Entrevista com José Calasans)", in: Mary L. Daniel e Robert M. Levine (Editors), Luso-Brazilian Review, V. XXX, No. 2, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1993, p. 23.

⁸ José Calasans, A última figura do império, Correio de Aracaju. Aracaju, 19 de fevereiro de 1942, p. 3.

⁹ Jairo Carvalho do Nascimento, Op. Cit. p. 75.

ardente no seu coração. Porém, suas primeiras pesquisas concentran-se nos folclordos da cachaça¹⁰, que é apresentada como uma moça branca e nas manifestações populares afro-sergipanas submergidas num universo de sincretismo cultural e religioso.¹¹

Primeiros escritos e tradições folclóricas na interpretação de Antônio Conselheiro e Canudos

O livro "Os sertões" publicado em 1902 pela Editora Laemmert levou a Euclides da Cunha¹² a sua plena consagração como escritor e intérprete da guerra de Canudos (1893-1897). Outras publicações históricas e literárias contemporâneas a Euclides da Cunha também versaram sobre Canudos. Referi-me aos escritos do sertanejo Afonso Arinos¹³ (1868-1916), do Manoel Benício¹⁴, corresponsável do Jornal do Comercio, do Albim Martins Horcades (1860-?)¹⁵, médico auxiliar dos hospitais na 4a. expedição contra Canudos y por o tenente Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares (1870-?)¹⁶.

¹⁰ José Calasans, "O folclore do açúcar em Sergipe", in: Brasil Açucareiro, Rio de Janeiro, Ano 10, Vol. 19, No. 5, p. 104, Maio, 1942. José Calasans, "Aspectos folclóricos da cachaça", in: Revista de Aracaju, Ano I, No. 1, p. 89-107. José Calasans, Cachaça moça branca: um estudo de folclore, Salvador: Artes Gráficas, 1951.

¹¹ José Calasans, "Cantigas de cacumbis e taieiras de Sergipe", in: Revista de Aracaju, Aracaju, Ano IV, No. 4, p. 177-182.

¹² Euclides da Cunha nasceu em Cantagalo, Vale do Paraíba do Sul em Rio de Janeiro no ano 1866. Em 1890 casa-se com Ana Emília Ribeiro. Depois de seus estudos de engenharia é elevado ao rango de tenente no exército brasileiro no ano 1891. Em 1897, estando já desvinculado do exército por motivos de saúde, recebe um convite para servir como repórter de "O Estado de São Paulo", na quarta expedição do exército brasileiro contra Canudos. Em 1902 publica o livro "Os Sertões". Em 1905 realiza uma expedição ao Purus na selva amazônica. Em princípios de 1906 regressa a Rio de Janeiro e encontra sua esposa grávida do cadete Dilermando de Assis. Faleceu o dia 15 de agosto de 1909, depois de trocar tiros com o aspirante Dinorá e seu irmão Dilermando de Assis, amante de sua mulher. Roberto Ventura, Euclides da Cunha. Esboço biográfico, Mario César Carvalho e José Carlos Barreto de Santana (Organização,) São Paulo: Companhia das Letras-Editora Schwarcz Ltda., 2003.

¹³ Afonso Arinos, Os jagunços, (1era. Edição 1898), 3 era. Edição, Rio de Janeiro: Philobiblion livros de arte Ltda, 1985.

¹⁴ Manoel Benício, O rei dos jagunços. Crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. (Rio de Janeiro: Tip. do Jornal de Commercio de Rodríguez & C., 1era. edição 1899.) 2da. edição, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1997. (Ainda não se conhecem os dados do nascimento e morte de Manoel Benício).

¹⁵ Alvim Martins Horcades, Descrição de uma viagem a Canudos, Bahia: Litho-Typographia Tourinho, 1899, (1era. edição), Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1996. Um livro recente que ilumina o contexto do aporte de Albim Martins Horcades na atenção a os feridos da Guerra de Canudos é a seguinte: Alexander Magnus Silva Pinheiro, Uma experiência do front: a guerra de Canudos e a Facultad de Medicina da Bahia. Orientadora: Prof. Dra. Lina Maria Brandão de Aras, Universidad Federal da Bahia, Faculdade de Filosofía e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Historia. Mestrado em Historia, Salvador, Bahía, 2009.

¹⁶ Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares, A guerra de Canudos, 1ea. Edição, Rio de Janeiro: Typ. Altina, 1902.

Não obstante "Os sertões", converteu-se na interpretação canônica do mais dramático evento da vida política, militar, econômica e social brasileira.¹⁷

José Calasans iniciou-se na temática de Canudos a partir dos escritos de Silvio Romero sobre os cantos populares brasileiros e a leitura da obra de Euclides da Cunha inspirada no imaginário da Revolução Francesa.¹⁸ No ano 1950 concretizou seus desejos de dedicar-se a docência da histórica na Universidade Federal da Bahia, quando apresentou sua obra "O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro"¹⁹, logrando obter uma praça como docente dessa instituição. A novidade da sua pesquisa foi apresentar uma interpretação de Antônio Conselheiro e a guerra de Canudos a partir das tradições folclóricas e cantos populares.

Nas pesquisas do professor Calasans durante este período, os termos "documentário folclórico"²⁰ como "literatura de cordel"²¹ tem que ver com o acervo oral e escrito expressado nos poemas e cantos sertanejos. O termo "literatura de cordel"²² não é utilizado por José Calasans se não até 1966, quando referiu-se a um poeta desconhecido que participou na guerra de Canudos e a descreveu em versos. O aporte de José Calasans concentrou-se em questionar a identidade histórica do anônimo que escreveu o folheto sob o título "A Guerra de Canudos".²³ Em suas pesquisas o professor

¹⁷ O esforço da pesquisa de Regina Abreu é decifrar o enigma que levou a converter a obra de Euclides da Cunha, "Os sertões", em o livro número um, isto é, o livro mais lido no Brasil. Ver: Regina Abreu, O enigma de Os sertões, Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda., 1998.

¹⁸ Raimundo Nonato Pereira Moreira, E Canudos era a Vendéia... O imaginário da revolução francesa na construção da narrativa de Os Sertões, São Paulo: Universidade do Estado da Bahia-Annablume, 2009.

¹⁹ José Calasans, O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro: contribuição ao estudo da Campanha de Canudos. Salvador: Beneditina, 1950.

²⁰ José Calasans, "A guerra de Canudos na poesia popular. Documentário folclórico", Trabalho publicado pelo Centro de Estudos Baianos, No. 14, Salvador, Bahia, 1952. Também in: José Calasans, Cartografia de Canudos, Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, EGBA, 1997, p. 87-101.

²¹ José Calasans, "A guerra de Canudos", in: Revista Brasileira de Folclore, Ano VI, No. 47, maio/junho, Rio de Janeiro, 1966, p. 53-64.

²² Esse termo remete a publicação de poemas/canções em quadras de seis versos o bem em quadras de sete sílabas e em décimas. Os temas referem-se a personagens ou situações sociais relevantes da cultura sertaneja. A publicação se fazia manualmente ou em uma pequena tipografia em folhas soltas o bem em pequenos folhetos com uma capa ilustrada de xilogravura. As folhas e folhetos eram pendurados em cordões e expostos para ser vendidos em feiras populares. Ver: José Ribamar López (Org.), Literatura de Cordel: Antologia, 3ra. edição, Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1994.

²³ José Calasans, "A guerra de Canudos", op. cit. Posteriormente José Calasans retomou a temática deste artigo para comprovar que o autor anônimo dos versos de cordel "A guerra de Canudos" era o soldado

sergipano não dá detalhes ou descrições das possíveis xilogravuras que decoram artisticamente as folhas soltas e os folhetos, o que indica, que deixou de lado esse aspeto da literatura de cordel. Apesar de que Calasans cita os documentos mais antigos que descrevem fisicamente a Antônio Conselheiro²⁴, não alude aos retratos dos jornais da época da guerra de Canudos²⁵, que procuram fazer uma descrição física do peregrino de Quixeramobim. Posteriormente a literatura de cordel tomará como referencia os primeiros retratos dos jornais para adornar os folhetos²⁶.

A herança interpretativa de Euclides da Cunha na historia e folclore de Canudos

As primeiras pesquisas de José Calasans: "O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro" e "A guerra de Canudos na poesia popular" realmente são cancioneros populares, que retratam a vida de Antônio Conselheiro, o grande líder do movimento de ex-escravos, camponeses e caboclos que levantaram a cidade de Belo Monte no sertão nordestino. Algumas destas poemas/canções indicam, quem foi a pessoa que as recolho, como os casos de Silvio Romero e Euclides da Cunha, pero a grande maioria delas, anônimas e guardadas na memória coletiva, somente indicam o lugar onde se originaram. O que é indicação do grande trabalho de recopilação oral realizado por José Calasans nos povos sertanejos de Sergipe e Bahia.²⁷ Isto é próprio da literatura

João Melchades, sargento da quarta expedição militar a Canudos. José Calasans, Canudos na Literatura de Cordel, São Paulo: Ática, 1984.

²⁴ Refere-se a documentos como o seguinte: Manuel Lopes de Souza Silva (Ed.), O Rabudo. Estância, Ano I, No. 7, domingo, 22 de novembro de 1874. Citado por José Calasans in: "Canudos não euclidiano", in: José Augusto, Sampaio Neto et al (Org.) Canudos: subsídios para a sua reavaliação histórica, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, p. 1-21.

²⁵ Ver retrato do Antônio Conselheiro com um bastão na mão e o desenho duma capela no fundo. Litografia publicada no volante "Breve notícia sobre o célebre fanático Antônio Conselheiro", que circulou em Pernambuco durante a Guerra de Canudos (1897). Uma reprodução desse retrato véase in: Walnice Nogueira Galvão, O império do Belo Monte. Vida e morte de Canudos, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002, p. 22. Véase outros retratos do Antônio Conselheiro desenhados durante a guerra de Canudos, in: Roberto Ventura, "O engenheiro-escritor Euclides da Cunha", in: Euclides da Cunha, Os Sertões. Campanha de Canudos. (Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão), op, cit., p. 1-10 (Apêndix).

²⁶ Ditos retratos também foram de grande inspiração para as pinturas em óleo de Bom Jesus Conselheiro do pintor nordestino Otoniel Fernández Nieto. Véase: Otoniel Fernández Nieto, Os Sertões. Fragmentos e Pintura, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1997, p. 75.

²⁷ É importante destacar aqui, que Manuel Pedro das Dores Bombinho, contemporâneo de Euclides da Cunha, escreveu entre 1897 e 1898 a mais extensa historia em versos (5.984) que se conhece sobre a Guerra de Canudos. Por suas características, este documento não pode considerar-se literatura de cordel. Euclides da Cunha em seus escritos sobre Canudos não chegou a mencionar esta obra. Tampouco o fez

folclórica o de cordel, pois não sempre que se entoam canções populares se lembra, quem foi a pessoa que compor a letra e as tonalidades. Por outro lado, as tradições orais mais apreciadas, pousem a força de transmitir-se de geração em geração e de modificar com o tempo as letras e as músicas dos poemas tesourados na cultura e o coração dos povos.

No depoimento de José Calasans a Jorge Calmón, por motivo da publicação de Oliveiros Litrento sobre Canudos na celebração do seu primeiro centenário, o professor sergipense manifestou: "Euclides, ainda que narrando fatos, construía situações que viravam lendas tal sua prodigiosa imaginação. Tudo isso aliado ao sentido místico. Em Euclides, os fatos históricos são reais mas sua imaginação era uma beleza."²⁸ José Calasans inferiu a admiração de Euclides da Cunha por a literatura poética sertaneja de Silvio Romero e a partir da criatividade imaginativa de ambos autores, assumiu conscientemente, que desde o folclore popular visualizam-se imagens contraditórias da vida e pregação do Antônio Conselheiro.

José Calasans, em seu esforço de coletar novas canções folclóricas, visualizou aquelas que forneciam a hipótese euclidiana²⁹ baseada nas teorias de Raimundo Nina Rodríguez (1862-1906)³⁰, que desfiguraram a história, ética e moral do Conselheiro, tal como a seguinte quadra sergipana:

| "Quem tiver sua mulata
Traga ela mun cordão
Que Antônio Conselheiro

José Calasans, a pesar do que o manuscrito originalmente esteve na Biblioteca Pública Estadual de Aracaju, em Sergipe. Segundo Marco Vila o poeta Manuel Pedro das Dores Bombinho deveu nascer em Própria, Sergipe entre 1860 y 1870 e morreu em Ilhéus, Bahia na década de 1940. Ver: Manuel Pedro das Dores Bombinho, Canudos, história em versos, (Transcrição, apresentação e notas Marco Antônio Vila), São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2002.

²⁸ Ver: Jorge Calmon, "Apêndice. Depoimentos sobre Canudos. A visão do historiador José Calasans Brandão da Silva", in: Oliveiros Litrento, Canudos. Visões e revisões, Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998, p. 253.

²⁹ Euclides da Cunha descreveu a "lenda arrepiadora", que circulou na imaginação popular e que narrava suposto assassinato cometido por Antônio Conselheiro contra sua própria mãe, quando a confundiu com o sedutor de sua esposa infiel. Ver: Euclides da Cunha, Os Sertões, op. cit. p. 144-145.

³⁰ Médico maranhense que diagnosticou a loucura crônica de Antônio Conselheiro. Cf. Raimundo Nina Rodrigues, As coletividades anormais, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.

Tem unhas de gavião. "³¹

Por outro lado, o historiador sergipano procurou contrariar a tese do médico, político e historiador baiano Afrânio Peixoto (1876-1947), -quem afirmou que Euclides da Cunha se jactava de não incluir as mulheres em seus livros-³², mas, na sua tarefa de recolher literatura de cordel sobre Canudos, chegou a redimensionar o rol das mulheres e das crianças no drama de Canudos. Se bem, nas passagens d'Os Sertões, Euclides da Cunha descreveu as seguidoras do Conselheiro e seus filhos como: "mulheres velhas espectrais,... moças envelhecidas, ... escaveiradas e sujas, filhos escanchados nos quadris desnalgados,... filhos suspensos aos peitos murchos..."³³, José Calasans coletou outras versões da literatura de cordel que retrataram a valentia das mulheres e das crianças de Canudos na sua luta contra o ataque do exército brasileiro:

"As mulheres de Canudos
Guerreiam com agua quente
Os meninos com pedradas
Fazem voltar muita gente."³⁴

Euclides da Cunha já havia inserido tradições folclóricas do sertão em suas descrições sobre Antônio Conselheiro, procedentes dos escritos de Silvio Romero, como a seguinte:

Do céu veio uma luz
Que Jesus Cristo mandou
Santo Antônio Aparecido
Dos castigos nos livrou ;

Quem ouvir e não aprender

³¹ José Calasans, O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro: contribuição ao estudo da Campanha de Canudos. Salvador: Beneditina, 1950, p. 32.

³² Ver: Afrânio Peixoto, Poeira da Estada, Rio de Janeiro: W. M. Jakson Inc., 1947, p. 37. Citado por José Calasans no seu artigo "As mulheres de "Os Sertões", in: No tempo de Antônio Conselheiro, Salvador: Livraria Progresso/Universidade de Bahia, 1959, p. 7-23.

³³ Euclides da Cunha, Op. Cit., p. 492.

³⁴ José Calasans, No tempo de Antônio Conselheiro. Figuras e fatos da Campanha de Canudos, Bahia: Publica da Universidade da Bahia, X-2, Bahia, 1959, p.87.

Quem souber e não ensinar
 No dia do Juízo
 A sua alma penará;³⁵

Sim embargo, os cantos coletados por Silvio Romero foram opacados pelos coletados por Euclides da Cunha, em que predomina a linha interpretativa, que as pregações de Antônio Conselheiro, não solo combatiam a República, se não que anunciavam na figura de Antônio Conselheiro o eminente regresso do rei Sebastião:

"D. Sebastião já chegou
 E traz muito regimento
 Acabando como o civil
 E fazendo o casamento;
 O Anti-Cristo nasceu
 Para o Brazil governar
 Mas ahi está o Conselheiro
 Para delles nos livrar;

Visita nos vem fazer
 Nosso rei d. Sebastião
 Coitado daquele pobre
 Que estiver na lei do cão;"³⁶

A pesar de que José Calasans se manteve na linha interpretativa de Euclides da Cunha, igual que o poeta Silvio Romero, dio-se a tarefa de coletar e acrescentar o acervo de canções folclóricas, que enfatizaban a furia sertaneja de Antonio Conselheiro e seu linaje mesiánico:

"Antonio Conselheiro
 É home de opinião
 Mato Moreira César

³⁵ Silvio Romero, Estudos sobre a poesia popular do Brasil. Petrópolis-Rio de Janeiro: Editorial Vozes; Governo de Estado de Sergipe, 1977, p. 41. Euclides da Cunha transcreveu esses versos coletados por Silvio Romero em 1879. Ver: Euclides da Cunha, Os Sertões. Campanha de Canudos (Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão), São Paulo: Editora Ática, 1998, p. 167.

³⁶ Ibid., p. 176.

E venceu seu Batalhão. "³⁷

"O sol já se levanta

Cheio de seu resplendô

Antônio substitui Jesus

Que do castigo nos livrou. "³⁸

Testemunhos orais na interpretação da vida de Antônio Conselheiro e Canudos

Encontramos continuidades e descontinuidades entre a obra de Euclides da Cunha e as do jovem José Calasans. Em ambos existe um interesse em interpretar a vida de Antônio Conselheiro e a comunidade de Belo Monte, não somente desde os dados históricos provenientes de documentos escritos e as notícias dos jornais do seu tempo, mas desde a cultura, a literatura de cordel e o folclore sertanejo. A paixão do jovem José Calasans pela biografia de Antônio Conselheiro e a história de Canudos levou-lhe a cruzar a informação proveniente das testemunhas escritas, da história oral, da literatura de cordel, e dos manuscritos de Antônio Conselheiro encontrados posteriormente. Dessa maneira percebeu outras dimensões de Antônio Conselheiro e outros membros da comunidade de Canudos ausentes no "livro vingador" de Euclides da Cunha.

Por motivo do quinquagésimo aniversário de Canudos, Odorico Tavares (1912-1980), um pernambucano, poeta y jornalista apaixonado por Bahia, acompanhado por o etnógrafo e fotógrafo francês Pierre Verger (1902-1996), realizou um viaje em 1947 por os povos onde viajo o repórter Euclides da Cunha. Dessa experiência conseguiu tomar fotos e conhecer os sobreviventes de Canudos, que tinham escutado as pregações de Antônio Conselheiro. Entre etos menciona-se ao combatente Manuel Ciríaco, ao jagunço José Travessia, mulheres que moraram em Belo Monte como Maria

³⁷ José Calasans, O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro: contribuição ao estudo da Campanha de Canudos. Salvador: Beneditina, 1950, p. 64.

³⁸ José Calasans, "A guerra de Canudos na poesia popular. Documentário folclórico", Trabalho publicado pelo Centro de Estudos Baianos, No. 14, Salvador, Bahia, 1952. In: José Calasans, Cartografia de Canudos, Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, EGBA, 1997, p. 87-101. Esta mesma versão foi reeditada e consultada in: Benjamim Abdala Junior e Isabel M. M. Alexandre (Organizadores), Canudos. Palavra de Deus. Sonho da terra, São Paulo: Editora SENAC- Boitempo Editorial, 1997, p. 150.

Guilhermina e Idalina Maria da Conceição, Francisca Macambira y Maria Avelina da Silva.³⁹ José Calasans, quem então realizava sua primeira pesquisa sobre o folclore de Canudos, ficou gratamente impressionado pelo reporte publicado na revista "O Cruzeiro" e durante os anos cinquenta frequenta a zona com o propósito de coletar testemunhas dos sobreviventes.⁴⁰ Assim, entrevistou a Zé Ciríaco, quem fora irmão de Manoel Ciríaco, a Francisca Macambira, a Pedro José de Oliveira conhecido como Pedrão e a Tucano da comunidade de Canudos, assim como a Lélis Piedade do Comitê Patriótico.⁴¹ Esse contato com pessoas que experimentaram a Guerra de Canudos permitiu-lhe perceber outras dimensões ausentes nos escritos oficiais deste evento histórico.⁴²

Esse enorme trabalho de historia oral com sobreviventes da Guerra Canudos nasceu da paixão de José Calasans por entender o mundo sertanejo. Os frutos recolhem-se anos depois no seu livro "Quase biografias de Jagunços", onde se apresenta uma ampla descrição de pessoas que pertenceram a comunidade de Belo Monte no Arraial de Canudos. Euclides da Cunha mencionou e descreveu no calor da guerra alguns personagens do Canudos dentro de suas categorias analíticas do "Incompreensível e bárbaro inimigo";⁴³ em tanto que José Calasans percorreu os caminhos do sertão quatro décadas depois da guerra, procurando encontrar-se com os "jagunços" de Canudos e entender seu universo cultural. Em "Quase biografias de Jagunços" pode notar-se que a maioria da informação não tem origem em fontes escritas, mais em fontes vivas, dos mesmos sertanejos mesmos que viveram a experiência dramática e comunitária de Belo Monte.

A pesar desse trabalho de historia oral com os sertanejos sobreviventes da destruição de Belo Monte, podemos afirmar que a tese fundamental de Euclides da Cunha, referente a interpretação sebastianista do folclore de Canudos, prevaleceu nos textos do jovem Calasans durante as décadas dos anos cinquenta e sessenta como o

³⁹ Odorico Tavares, *Canudos. Cinquenta anos depois (1947)*, Bahia, Conselho Estadual de Cultura, Academia de Letras da Bahia, Fundação Cultural do Estado, 1993.

⁴⁰ Marco Antônio Vila y José Carlos Pinto da Costa (Org.), *Calasans, um depoimento para a historia*, Salvador: UNEB, 1998, p. 26.

⁴¹ Lélis Piedade, *Histórico e relatório do Comitê Patriótico da Bahia*, Bahia, Reis & Cia., 1901. (Arquivo Núcleo Sertão, Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia).

⁴² *Ibid.* Ver também: Bom Meihy, José Carlos Sebe, *op. cit.*

⁴³ Euclides da Cunha. "A nossa Vendéia", in: Euclides da Cunha, *Obras completas*, Rio de Janeiro: Ed. Aguilar, 1966, a. V.2, p. 559.

demonstra sua palestra apresentada na cidade de Porto, Portugal em junho de 1958.⁴⁴ Não obstante, as testemunhas coletadas na comunidade de sobreviventes de Canudos, a literatura folclórica de cordel, as novas interpretações históricas e os novos documentos históricos encontrados por José Calasans lançaram luz para entender mais amplamente a experiência utópica do Belo Monte.

Núcleo Sertão, anexado ao Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, a

Abertura de José Calasans às novas interpretações sobre Antônio Conselheiro e Belo Monte

O livro de Rui Facó "Cangaceiros e fanáticos", cuja primeira edição foi publicada poucas semanas depois de acontecido seu prematuro falecimento, num desastre de avião em 1963, oferece um outro entendimento da história de Canudos. Ele se distancia das interpretações euclidianas e conseqüentemente também das interpretações de José Calasans. Rui Facó considerou, que o fundo místico sebastianista dos movimentos das massas sertanejas tem-se exagerado indevidamente e que as motivação das lutas tinham um fundo material; que as classes dominantes, tanto cangaceiros como fanáticos, foram os precursores do surgimento dum espírito inconformado e revolucionária disposta a destruição daquele estado de coisas injusto e anti-humano. Rui Facó analisou tanto cangaceiros como fanáticos a través dos episódios de Canudos e o Conselheiro, Juazeiro e o Padre Cícero e chegou a conclusão, que Euclides da Cunha partiu de concepções estreitamente antropológicas e geográficas, sim perceber a essência da luta dos habitantes de Canudos. A análise de Rui Facó tem um outro ponto de partida que o de Euclides da Cunha e de José Calasans, pois fundamenta-se na tese materialista do fenômeno religioso citada nas obras escolhidas de K. Marx e F. Engels: "A impotência das classes exploradas, na luta contra seus exploradores - diz Lênin - produz também, inevitavelmente, a crença em uma vida

⁴⁴ José Calasans, "O sebastianismo no folclore de Canudos", in: José Calasans, No tempo de Antônio Conselheiro, Bahia: Publicações da Universidade da Bahia, X-2, 1959, p. 45-55.

melhor..."⁴⁵ Antes de referir-se a Canudos e o Juazeiro, Rui Facó apresenta historicamente a luta contra o monopólio da terra, as lutas contra a escravidão no Nordeste brasileiro, e a emigração em massa dos camponeses empobrecidos pelas secas como as causas do surgimento do cangaceiros e fanáticos.

A pesar de que José Calasans manifestou não ter laços com o comunismo, reconheceu o importante aporte de Rui Facó na compreensão de Canudos e que "Cangaceiros e Fanáticos" foi a obra que mais deu a conhecer o evento de Canudos depois de "Os Sertões" de Euclides da Cunha.⁴⁶

O historiador Eduardo Hoornaert indicou com acerto, que o Mestre José Calasans não se atreveu a pesquisar o evento histórico do Canudos com esquemas interpretativos importados, se não que o interpretou desde a mesma realidade brasileira. Seu método histórico tucididiano⁴⁷ consiste em ir narrando ordenadamente os eventos históricos da Guerra de Canudos, considerando os fatos históricos e os depoimentos coletados, sem fazer muitos comentários. Essa metodologia positivista permitiu-lhe distanciar-se do esquema rígido dos "dois brasis" de Euclides da Cunha, Gilberto Freyre e Djacir Menezes. A o mesmo tempo, ele distanciou-se dos esquemas marxistas, nos quais Canudos era apresentado como uma comunidade "sem classes". Dita tendência pode perceber-se no caso da obra de Rui Facó, mas também em outras como "Canudos: a guerra social" de Edmundo Moniz⁴⁸, onde José Calasanz destaca que dita obra ajudou-lhe muito a ordenar todos os dados e cronologia de Canudos, mais mostrou seu desconformidade com a utilização do modelo utópico de Tomás More como interpretação de Canudos.⁴⁹

⁴⁵ K. Marx, F. Engels, Obras escolhidas, Vol. 2, Rio de Janeiro, 1961. Citado in: Rui Facó, Cangaceiros e Fanáticos, Gênese e lutas, Rio de Janeiro: Editora Bertand Brasil, S.A., 9a. Edição, 1991, p. 50-51.

⁴⁶ Marco Antônio Vila, Calasans, um depoimento para a historia, Salvador: Universidade do Estado da Bahia, UNEB-Bahia, 1998, p. 44-45.

⁴⁷ Refere-se a o mestre historiador grego Tucídides (c. 460 a.C. -?396? a.c.). Eduardo Hoornaert, Os anjos de Canudos. Uma revisão histórica. Petrópolis: Editora Vozes, 1997, p. 91-100.

⁴⁸ Edmundo Moniz, Canudos: a guerra social, Rio de Janeiro: Elo Editora e Distribuidora Ltda., 2a. edição corrigida e aumentada, 1987.

⁴⁹ Marco Antônio Vila, Op. Cit., p. 45-46.

A abertura de José Calasans a etos novos olhares políticos e sociais na interpretação da história de Canudos percebeu-se em seus trabalhos sobre os escravos.⁵⁰ Ele, fundamentado na obra de Gilberto Freyre, alertava que os escritos de Euclides da Cunha tenham uma ausência dos ex-escravos na sociedade sertaneja e que o escritor fluminense "nem sequer consignou a presença do ex-escravo, do negro apelidado "treze de maio", nas hostes de Bon Jesus Conselheiro".⁵¹ Uma das descobertas de José Calasans respeito das manifestações do Antônio Conselheiro sobre a escravidão é o testemunha de um italiano, que trabalhava na construção da estrada de ferro Salvador-Timbó. Mirando a gente que aguardam a sua pregação o peregrino exclamou: "Veja como este povo na sua quase totalidade escrava vive pobre e miserável. Veja como ele vem de quatro e mais léguas para ouvir a palavra de Deus. Sem alimentar-se, sem saber como se alimentará amanhã, ele nunca deixa de atrair pressuroso às praticas religiosas, que eu, indigno servo de Deus e por ele amaldiçoado, iniciei neste local para redenção dos meus enormes pecados."⁵² Posteriormente José Calasans ampliou seus comentários sobre o grupo de execra-vos do movimento "treze de maio", que chegaram a formar parte da comunidade de Belo Monte, e de quem o cancionista popular referiu-se da seguinte maneira:

Nasceu periquito

Virou papagaio

Não quero negócio

Com "treze de maio".

K é letra decadente

Meu pai assim me dizia

⁵⁰ José Calasans, "Antônio Conselheiro e os "treze de maio", in: Cadernos Brasileiros, Rio de Janeiro, Ano X, No. 47, maio/junho, 1968, p. 91-95.

⁵¹ Ver Gilberto Freyre, *Ordem e Progresso*, Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, Tomo II, 1959, p. 487. Citado em: José Calasans, "Antônio Conselheiro e a escravidão" in: José Calasans, *Cartografia de Canudos*, op. cit., p. 81-85.

⁵² *Diário de Notícias*, Bahia, 31 de Setembro de 1897. Citado em: José Calasans, *Antônio Conselheiro e a escravidão*, (Editado pelo autor), S.A. Artes Gráficas, Salvador, s/d. Compare-se também: José Calasans, *Cartografia de Canudos*, op. cit., p. 82-83.

É como o "treze de maio"

Meso depois da alforria.⁵³

A pesar de que Calasans não chegou a assumir os fundamentos teóricos de Rui Facó o Edmundo Moniz, ele reconheceu a heroica luta dos sertanejos contra o estado e os fazendeiros. Em una entrevista feita ao professor se o problema contemporâneo dos sem-terra era semelhante a guerra de Canudos, ele respondeu assim: "No sertão, o problema da terra era diferente. O dono da terra nem sabia o que tinha e não há documento algum da época em que algum fazendeiro se queixe da ocupação das suas terras. O problema era que conselheiro desorganizou a mão de obra. Era disso que os fazendeiros reclamavam. Os empregados sumiam das fazendas e iam atrás do Conselheiro."⁵⁴

A influência euclidiana em confronto com a descoberta dos manuscritos de Antônio Conselheiro

Dos manuscritos fundamentais para conhecer o pensamento pastoral e teológico de Antônio Conselheiro são: 1) as "Prédicas e discursos de Antônio Conselheiro" e 2) "Apontamentos dos Preceitos da Divina Lei de Nosso Senhor Jesus Cristo".

O primeiro documento foi encontrado por João de Souza Pondé, membro do Batalhão Académico que atendeu os feridos na última expedição militar. Este documento foi entregue a Euclides da Cunha logo da publicação do "Os Sertões" e pouco antes de sua morte (1909); logo se desconheceu seu paradeiro hasta que o manuscrito foi encontrado num sebo e adquirido pelo escritor Aristeu Seixas, presidente da Academia Paulista de Letras, sem embargo não foi publicado até 1974.⁵⁵

O segundo manuscrito mencionado estava nas mãos de Aloísio de Carvalho Filho, então jornalista e diretor do Jornal de Notícias, e quem posteriormente foi

⁵³ José Calasans, O séquito de Antônio Conselheiro, Revista da FAEEBA, Ano 2, No. especial, jan./junho, Salvador, 1993, p. 49-54.

⁵⁴ O Estado de São Paulo, São Paulo, Caderno 2, 4 de agosto de 1996, p. 2D.

⁵⁵ Ataliba Nogueira, Antônio Conselheiro e Canudos. Revisão histórica. A obra manuscrita de Antônio Conselheiro e que pertenceu a Euclides da Cunha, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

senador e professor da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia. Em 1972 a família Carvalho ofereceu o documento a Paulo Maciel, quem finalmente entregou o documento a José Calasans. Este a sua vez doou ao Núcleo Sertão, do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal de Bahia no ano 1982.⁵⁶

Etos documentos são fundamentais para entender a nova orientação investigativa de Calasans ao final dos anos setenta. Pois, se bem, a través dos escritos de Silvio Romero e Manoel Benício, ele tinha conhecimento, que Antônio Conselheiro carregava no sua peregrinação a Missão Abreviada e as Horas Marianas, as predicas do sertanejo ficaram ainda inéditas.⁵⁷ Em os manuscritos e fontes primarias de Antônio Conselheiro não se percebe a vertente sebastianista, que tanto enfatizo Euclides da Cunha, más bem encontramos neles uma mística religiosa mariana de seguimento a Jesus, que impulsou o projeto solidão do místico de Quixeramobim.

O mito da ressurreição do rei Sebastião, que explodiu entre os camponeses no vale da serra do Rodeador (Pernambuco), na boca do ex-soldado Silvestre José dos Santos⁵⁸ no período 1814-1820, deve ser analisado como uma repercussão do sebastianismo lusitano, no contexto dos processos de independência de América Latina e as guerras napoleônicas em Europa. Ao inicio do século XIX surgiu entre os lusitanos sebastianistas de Portugal, o desejo dum império forte que resistira os embates emancipadores de Napoleão Bonaparte. Este nacionalismo monárquico se expresso em cantos como o seguinte:

Ah, Portugal, Portugal ;

Fiel na divina Lei,

Verás na divina Lei,

Verás o Encoberto Rei

⁵⁶ A primeira parte deste documento é um manuscrito em português dos textos latinos traduzidos pelo São Jerônimo com os quatro Evangelhos, os Atos dos Apóstolos e a carta de São Pablo a os Romanos. A segunda parte trata temas teológicos e doutrinários como a cruz, a paixão de Cristo, a missa, a justiça de Deus e outras. Ver: Walnice Nogueira Galvão y Fernando da Rocha Peres, Breviário de Antônio Conselheiro, Salvador: Editorial de la Universidade Federal da Bahia, 2011.

⁵⁷ José Calasans, O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro, op. cit., p. 44-45.

⁵⁸ Flavio José Gomes Cabral, Paraíso terreal. A rebelião sebastianista na serra do rodeador Pernambuco, 1914- 1820, São Paulo: Annablume, 2004.

Com a Coroa Imperial.⁵⁹

Euclides da Cunha, quem comparou a revolução de Canudos com a resistência dos camponeses de Vandéia no caso da revolução francesa, retomou este episódio histórico e fez uma ligação da figura do Encoberto Rei Sebastião, com o reino nos carrascais do sítio da Pedra do Rodeador em Pernambuco.⁶⁰ José Calasans, quem tenha esse mesmo fundamento interpretativo⁶¹, depois de conhecer as meditações e documentos de Antônio Conselheiro, chega ao convencimento, que os manuscritos dele, distante de uma ideologia sebastianista, transcrevem os Evangelhos e textos da Bíblia⁶², e que seus escritos adaptam-se ao sermônário português conhecido como Missão Abreviada, o devocionário Horas Marianas e as Práticas Mandatais.

Esta espiritualidade, que nos lembra a teologia simples, atraente e delectadora do sacerdote português Theodoro de Almeida (1722-1804)⁶³, fundamentava-se inicialmente na vocação profética de Jeremias, quando recebeu a palavra de Deus que dizia: "Antes de formar você no ventre de sua mãe, eu o conheci; antes que você fosse dado à luz, eu o consagrei, para fazer de você profeta das nações." (Jeremias 5:1). O peregrino penitente sente-se chamado pela *Mãe de Deus* (sic.) a través da voz do profeta Jeremias, e sacudido pela voz de Deus, procura responder a sua vocação profética e

⁵⁹ Jose' Agostinho de Macedo, Os sebastianistas. Segunda Parte. Lisboa: Na Impressão Regina, Portugal, Ano 1810, p. 56. (Arquivo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro). O rei Sebastião de Portugal morreu em África a 4 de agosto de 1578 com 24 anos de idade.

⁶⁰ Historiadores portugueses como João Lucio de Azevedo deram credibilidade total as interpretações sebastianistas de Euclides da Cunha considerando tanto a experiência em Pernambuco como em Canudos. Ver: João Lucio de Azevedo, A Evolução do sebastianismo, Lisboa: Editorial Presença, LTDA. 1984.

⁶¹ Ver citas do autor referentes ao sebastianismo em Euclides da Cunha e João Lucio de Azevedo in: José Calasans, O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro, p. 37-42.

⁶² Refere-se a edição do ano 1857 da tradução ao português feita por o Padre Antônio Pereira de Figueiredo (1725-1797). Nos manuscritos do Antônio Conselheiro encontramos seu lastro, que é: Novo Testamento/Vida de/Nosso Senhor Jesus Cristo/Contendo os/Santos Evangelhos, Atos dos Apóstolos,/Epístolas, e Apocalipse./Tradução do/Padre Antônio Pereira de Figueiredo/Ilustrada com Prefações, Notas, Lições Variantes, Etc./Publicado Sob Os Auspícios/do Eminentíssimo Senhor/Cardeal Patriarca/Empresários/Silva e Souza.- Escritório na Travessa da Era/(Aos Paulistas) no.3//Tipografia/de Joaquim Germano de Souza Neves./Rua de Caldeira no. 6/Lisboa/1857. Ver também: Fernando da Rocha Peres, "Fragmentaria", in: Walnice Nogueira Galvão e Fernando da Rocha Peres, Breviário de Antônio Conselheiro, 2a. edição, Salvador: EDUFBA, Bahia, 2011, p. 27-44.

⁶³ O Padre Theodoro de Almeida da Congregação do Oratório de Lisboa, participo ativamente na Ilustração Portuguesa. Foi sócio fundador da Academia Real das Ciências de Lisboa. Em sua obra "Recreaciones filosóficas" segue de perto as meditações de René Descartes (1596-1650) na procura da harmonia entre a razão e a religião.

imitar a vida do Bom Jesus e de Nossa Senhora das Dores. Se a espiritualidade da teologia do Padre Theodoro de Almeida encontrou lugar nos Gemidos da *Mãe de Deus*,⁶⁴ nas Horas Marianas encontra seu lugar nas tempestades que se levantam no Coração de Maria.⁶⁵ A mística encontrada nos manuscritos do peregrino de Quixeramobim referem-se também e sobretudo a Jesus Cristo. Ainda não sabemos, se ele procurava transcrever todo o texto bíblico, mas seus manuscritos contem os Santos Evangelhos, o livro dos Atos dos Apóstolos, Epístola de São Paulo Apóstolo aos Romanos, textos do Antigo Testamento e os dez mandamentos. Na segunda parte "Apontamentos dos preceitos da divina lei" é muito interessante a interpretação de Antônio Conselheiro do texto bíblico de Lucas 12, 49, onde Jesus afirmava que "tinha vindo a terra para trazer fogo à terra". O comentário dele é o seguinte: "Que tinha vindo à terra para trazer às almas o fogo do Divino amor, e que não tinha outro desejo senão de ver esta Santa chama acender em todos os corações dos homens."⁶⁶ Encontramos em Antônio Conselheiro uma mística solidária, que interpreta a obediência aos mandamentos e aceitação do sofrimento como imitação de Jesus.

Nos escritos de José Calasans posteriores a descoberta dos manuscritos e sermões de Antônio Conselheiro, preserve-se uma nova orientação: "Além das obras das Igrejas, o Conselheiro pregava aos seus fiéis, o que fazia como frequência. Eram os "dias de conselho". Conhecedor da Bíblia, leitor da Missão Abreviada, livro de larga divulgação no interior do Brasil, o Conselheiro falava sobre os mandamentos, condenava os pecados, aconselhava para o bem, citando, não raro, frases latinas."⁶⁷ Não encontramos nesta etapa, escritos de Calasans com interpretações teológicas das predicas de Antônio Conselheiro, mas sim, um grande trabalho de datar e descrever as

⁶⁴ Gemidos da Mãe (sic.) de Deus. Afflicta, ou estímulos de Compaixão das suas Dores. Pelo P. Theodoro de Almeida, Da Congregação do Oratorio de Lisboa, &c. (sic.) Quinta impressão (sic.) Lisboa, Na Regia Officina Typografica, Anno M. DCCC. (Documento consultado na Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro).

⁶⁵ Para um análise detalhado da mensagem religiosa de Antônio Conselheiro ver: Alexandre Otten, "Só Deus é grande". A mensagem religiosa de Antônio Conselheiro, São Paulo: Edições Loyola, 1990.

⁶⁶ Antônio Vicente Mendes Maciel, Apontamentos da divina lei de Nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens, Manuscrito, Belo Monte, 1895, p. 236. (Arquivos Centro de Estudos Baianos, Universidade Federal da Bahia).

⁶⁷ "Canudos - origem e desenvolvimento de um arraial messiânico", Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, (Belo Horizonte, 2 a 8 de Setembro de 1973), São Paulo, 1974, p. 461-481. (Cita em p. 475)

igrejas e os comentários construídos pelo peregrino. Calasans conservou sua perspectiva, que no folclore de Canudos o elemento do sebastianismo estava presente, mais também, que as quadras populares atestavam a valioso aporte do Antônio Conselheiro na construção de caminho da Santa Cruz em Monte Santo:

O Caminho da Santa Cruz

O povo dizia na reza;

Do céu baixou uma luz

Quem não fizer o bem

Dom Sebastião já vem

Mandado do Bom Jesus.⁶⁸

Conclusão:

O mestre José Calasans encontrou sentido a sua vida no empenho de ser o "tradutor do universo sertanejo"⁶⁹ como pesquisador, professor, educador e administrador cultural de diversos Colégios da Bahia, Instituições Estatuais e a Universidade Federal da Bahia. O professor José Calasans também participou no processo inicial da fundação do Centro de Estudos Baianos no ano 1941 e foi junto com Affonso Ruy e Osvaldo Valente, os associados que mais aportaram na manutenção do mesmo. O mestre sergipense José Calasans fundou no ano 1983 o Núcleo Sertão, anexado ao Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, a partir de todo o material escrito sobre Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos que recolheu durante quatro décadas. Desde aí orientou a muitos estudantes nacionais e estrangeiros interessados em conhecer a comunidade de Belo Monte.⁷⁰ José Calasans foi um verdadeiro mestre, que continua vivo na memória dos seus discípulos e discípulas, os

⁶⁸ Jota Sara, História da Guerra de Canudos, 4a. edição, Euclides da Cunha, 1963, p.7. Citado em: José Calasans, "Antônio Conselheiro, construtor de igrejas e cemitérios", in: José Calasans, Cartografia de Canudos, op. cit., p. 61-72. (cita em p. 67-68).

⁶⁹ Bom Meihy, José Carlos Sebe, Op. cit.

⁷⁰ Jairo Carvalho do Nascimento, Op. cit., p. 23-48.

quais seguem seus passos, na procura de continuar conhecendo a cultura e reconstruindo a história de Antônio Conselheiro e a comunidade de Belo Monte.